

Ecopolítica.

publicação eletrônica quadrimestral, vinculada ao Projeto Temático Fapesp *Ecopolítica. Governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle.*

O primeiro número traz as sessões constantes da revista: artigos, resenhas, notas sobre andamento de iniciação científica, *paisagens* (acompanhada de texto, verbete e imagens), trecho de seminário com convidado realizado durante a pesquisa e uma entrevista.

Ecopolítica, editada pelos integrantes do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais), apresenta-se a futuros conselheiros que colaborarão com a regularidade de sua publicação e a continuidade de nossas inquietações.

Ecopolítica 1, **setembro-dezembro 2011.**

O primeiro número da revista *Ecopolítica* aborda e desdobra a atualidade do conceito de governamentalidade, dimensionado em ecogovernamentalidade.

Os artigos de Sébastien Malette e Astrid Ulloa fornecem fecundas informações sobre os efeitos da análise genealógica sobre práticas de governo conectadas pela ecologia. As liberdades livres de transcendentalidades disponibilizam, nas palavras de Malette, o projeto de emancipação aberto sempre renovável, contudo, equacionado, segundo a natureza e a vida, atravessando e ultrapassando redes disciplinares e biopolíticas, e situando, no presente, as forças e os resultados de seus embates.

Ulloa problematiza a noção de “nativo ecológico” e a preservação/conservação do meio ambiente pelas populações indígenas. Trata-se, acompanhando Foucault, de uma nova *acontecimentalização*, produzida pela democratização na América Latina, desde o final do século passado, conectada com as convenções e tratados internacionais relacionados à conservação/preservação. As repercussões políticas, enfim, encontram-se expressas nas novas formas de poder pelas quais as populações indígenas reverterem, na atualidade, os efeitos da razão do Estado-nação de ontem.

Os artigos de Elaine Campbell e Salete Oliveira abordam a produção de subjetividades, o investimento na intimidade, os programas de governos ínfimos que chegam a crianças e aos jovens. A maquinaria do poder em Foucault encontra-se em relação complementar com a teoria maquínica do desejo em Deleuze e Guattari. É assim que Campbell mostra sua colaboração para análise das “emocionalidades de governo”, por meio da noção de “tornar-se outro” como uma “dobradura”. Interessa-lhe atingir a produção das sensibilidades normativas liberais como tolerância, segurança, compaixão, confiança e otimismo, por meio das quais se espera fazer de qualquer um o “ator racional”, o auto-empreeendedor que crê na consolidação de *suas* liberdades. Oliveira mostra o investimento cada vez mais exponencial em proteção ao risco vinculado ao empreendimento empresarial “de cunho neuropedagógico”, interessado na formação de pessoas *resilientes*. Cada um deve estar educado para saber suportar e para manter o ambiente em estado de controle das vulnerabilidades.

Os artigos situam as possibilidades analíticas, nos dias de hoje, compatíveis com a invenção de novas palavras que expressam as conectividades do momento, assim como foram antecipadas por algumas noções elaboradas por Foucault ao lidar com o presente. Estamos diante e próximos de pesquisadores que procuram compreender a atualidade e suas novas institucionalizações, incluindo subjetivações liberais a serem escavadas e resistências surpreendentes.

Trazemos as resenhas de dois trabalhos que mostram efeitos de contrastes. De um lado, Beatriz S. Carneiro comenta o livro de Jean Didier Vincent sobre o anarquista e geógrafo Élisée Reclus: um conservador olhando para um libertário a partir da paisagem. Sem dar-se conta, ou simplesmente por constatar, leva-nos a novas descobertas que somente o olhar libertário tem sobre o meio ambiente. De outro lado, Thiago Rodrigues, estampa o temor conservador delineado por Harald Welzer perante a iminência de uma nova guerra, a climática, e lhe contrapõe a leveza dos argumentos libertários e a clareza da análise foucaultiana sobre a guerra. Felipe Costa em breves páginas situa sua pesquisa de iniciação científica sobre a sustentabilidade, um conceito “fouxo” e por isso mesmo eficiente ao empresariado.

Em *paisagens*, Marcia C. Lazzari e Aline Passos situam o evento atômico em torno da usina de Fukushima-Japão, acontecido em maio de 2011. Associado a outros que lhe antecederam e anunciaram — não mais como obra da ação *irracional* do homem, mas dos eventos da natureza diante da proposital construção de usinas de energia atômica —, seus desdobramentos lançam alertas. Acompanha o percurso em palavras-imagens, um breve e contundente verbete da Enciclopédia Anarquista, organizada por Sébastén Faure, chamado “Natureza”.

O filósofo Guilherme Castelo Branco visita o Projeto Temático e conversa sobre a atualidade de Foucault e os incômodos atizados pelos resistentes.

Uma entrevista com o coordenador do Projeto Temático indica as inquietações que rondam o projeto e finaliza este primeiro número de *Ecopolítica*.